

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Aprendizagens paternas sobre práticas parentais, envolvimento paterno e comportamento infantil

Father's learnings about parenting practices, parental involvement, and child behavior

Aprendizajes de padres sobre prácticas parentales, involucramiento paterno y comportamiento infantil

Luciane Guisso¹, Mauro Luís Vieira² & Maria Aparecida Crepaldi³

¹ Universidade Federal de Santa Catarina. *E-mail*: lucianeguisso@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0002-4846-319X>

² Universidade Federal de Santa Catarina. *E-mail*: maurolvieira@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0003-0541-4133>

³ Universidade Federal de Santa Catarina. *E-mail*: maria.crepaldi@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0002-5892-7330>

Nota: Este artigo é uma adaptação de parte da tese de doutorado intitulada: "Eficácia do Programa de Treinamento Parental ACT nas práticas parentais, envolvimento parental e comportamento de crianças de dois a oito anos de idade" defendida por Luciane Guisso, sendo orientada por Mauro Luís Vieira e co-orientada por Maria Aparecida Crepaldi no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.



Informações do Artigo:

Luciane Guisso

lucianeguisso@gmail.com

Recebido em: 07/04/2022

Aceito em: 15/11/2022

RESUMO

O estudo procurou caracterizar concepções de pais (homens) sobre práticas parentais, envolvimento paterno e comportamento infantil. Foi utilizada abordagem qualitativa que contou com a participação de cinco pais, concluintes do Programa de treinamento parental ACT em um grupo focal. Os participantes refletiram em torno de perguntas guiadoras, as falas foram gravadas e o conteúdo foi transcrito e organizado em categorias temáticas com auxílio do Software *Atlas Ti* versão 8.0. Os pais demonstraram a necessidade de compreender as características do desenvolvimento infantil, buscando auxiliar seus filhos no aprimoramento de habilidades para melhor gerenciar suas emoções, orientando-os nos comportamentos considerados adequados.

PALAVRAS-CHAVE:

Práticas de criação infantil; Pai; Comportamento da criança.

ABSTRACT

This study aimed to characterize the conceptions that fathers have regarding parenting practices, paternal involvement, and child behavior. It is a qualitative study, in which five fathers who had finished the ACT Parental Training Program participated in a focus group. The participants' reflections were based on guiding questions, their comments were recorded, and the content was transcribed and organized into thematic categories using the *Atlas Ti* Software, version 8.0. The fathers showed the need to understand the characteristics of child development, seeking to help their children to develop skills and better manage their emotions, guiding them to behave appropriately.

KEYWORDS:

Child-rearing practices; Father; Child behavior.

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo caracterizar las concepciones que tienen los padres sobre las prácticas parentales, involucramiento paterno y el comportamiento infantil. Se trata de un estudio cualitativo que tuvo la participación de cinco padres que concluyeron el Programa de capacitación parental ACT, correspondiente a un grupo focal. Los participantes reflexionaron en torno a preguntas guías. Las charlas fueron grabadas; el contenido fue transcrito y organizado en categorías temáticas con apoyo del software *Atlas Ti* versión 8.0. Los padres demostraron la necesidad de comprender las características del desarrollo infantil, con el deseo de ayudar a sus hijos en el desarrollo de sus habilidades para mejorar la administración de sus emociones, así como de orientarlos hacia comportamientos considerados adecuados.

PALABRAS CLAVE:

Prácticas de crianza infantil; Padre; Comportamiento del infante.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a disseminação da igualdade de gênero, os avanços na área de inseminação artificial e o uso de métodos contraceptivos, novos papéis precisaram ser assumidos pelo homem no âmbito familiar e na relação com os filhos (Barbeta & Canno, 2017). Como consequência, o *envolvimento paterno* passou a ser estudado, tendo em vista seu impacto no desenvolvimento infantil (Bueno & Vieira, 2014).

De formador-moral, provedor da família, modelo de identificação sexual e suporte conjugal, nas últimas décadas o pai tem experimentado *o papel de cuidador*. O pai vem sendo descrito como mais ativo, engajado, e participativo com os filhos. Denominado de *modelo emergente*, o pai da atualidade não deve apenas contribuir financeiramente com o filho, mas precisa envolver-se ativamente em seu cuidado (Barbeta & Cano, 2017).

Devido ao fato de muitos pais terem sido criados em um modelo tradicional, em que a demonstração de afetividade em relação aos filhos era menos comum, surgiu o desejo de muitos desses homens de serem pais de uma maneira distinta. (Gabriel & Dias, 2011). Ao escrever sobre a teoria intergeracional, Bowen (1993) indica que as experiências da primeira infância dos próprios genitores servem de modelo para os relacionamentos interpessoais, assim como para a experiência parental a ser desenvolvida na vida adulta. Muitos cuidadores conseguem transformar as experiências iniciais a partir de uma reconexão consigo mesmo, ressignificando suas vivências e estabelecendo uma relação mais próxima com o filho (Gabriel & Dias, 2011).

Estudos têm demonstrado que a função paterna é importante para o desenvolvimento infantil, principalmente nos primeiros anos da criança (Silva & Piccinini, 2007; Silva et al., 2012). A participação paterna tem sido indicada como propiciadora de melhores índices em relação a: (a) saúde mental e competências sociais (Flouri & Buchanan, 2003); (b) regulação das emoções (Matthey & Barnett, 1999); (c) desenvolvimento cognitivo, motor, e social da criança (Manfroi et al., 2011); e (d) desenvolvimento de apego seguro (Fuertes et al., 2016). No que se refere à socialização e controle da agressividade na primeira infância, outras pesquisas indicam que o pai possui um papel mais específico e ativo quando comparado à mãe (Paquette, 2004; Paquette et al., 2003). Em geral, o envolvimento positivo do pai apresenta uma correlação negativa com comportamentos desafiantes das crianças em idade pré-escolar (St. George et al., 2016). Desse modo, o envolvimento paterno na primeira

infância é reconhecido como importante, uma vez que as crianças desenvolvem habilidades básicas para lidar com ambientes novos, tal como a escola, experimentando aprendizagens constantes durante esse período crítico de suas vidas (Lau, 2016).

Nos estudos sobre envolvimento paterno, um dos modelos mais aceitos e relevantes para a área foi o desenvolvido por Lamb e colaboradores (1987). Tal modelo vem sendo amplamente utilizado, uma vez que descreve a complexidade multidimensional do fenômeno. Para os autores, o envolvimento paterno precisa ser pensado com base em três componentes: (a) interação com os filhos, (b) acessibilidade e (c) assumir responsabilidades parentais (Lamb, 1997). A *interação* se refere ao tempo efetivo de convivência com a criança face a face (alimentação, brincadeiras, banho, dentre outros). Já a *acessibilidade* diz respeito ao grau de disponibilidade do pai em relação à criança, tanto do ponto de vista físico como emocional. Por fim, a *responsabilidade* implica na adoção de medidas que assegurem os cuidados da criança, tais como: providenciar assistência médica, cuidar das roupas, garantir acesso à educação, dentre outros (Lamb, 1997; Pleck, 2010).

A partir do modelo proposto por Lamb et al. (1987), Palkovitz (2002) ampliou a compreensão de envolvimento paterno, englobando as esferas cognitiva, afetiva e comportamental. Posteriormente, Paquette (2004), deu ênfase ao comportamento de socialização do pai, considerando-o como um aspecto central para a compreensão da paternidade. A frequência e participação paterna estimulam o enfrentamento de desafios e o manejo da competitividade por meio das brincadeiras, além de auxiliar nos limites impostos à criança. Pleck (2010) indica que o envolvimento paterno positivo e o controle de respostas afetivas adequadas estão associadas às melhores respostas em relação ao desenvolvimento infantil. Salienta-se que o envolvimento do pai desde os anos iniciais pode influenciar de forma positiva a competência social, auxiliando o desenvolvimento infantil de maneira mais saudável. O envolvimento paterno adequado com o filho é considerado um fator de proteção

para desenvolvimento infantil em idade escolar (Cia et al., 2010). Trage e Donelli (2020) afirmam que atualmente o pai tem se mostrado mais envolvido emocionalmente com seus filhos, bem como mais participativo nas atividades relativas ao cuidado com as crianças. Assim, o papel paterno é fundamental no processo de socialização, especialmente na ativação e abertura para o mundo (Paquette et al., 2020).

Para desenvolver competências parentais, habilidades sociais e diminuir os problemas de comportamentos infantis, vem sendo difundido programa de treinamento parental (Hauth-Charlier & Clément, 2014; Smith et al., 2013). Um dos programas que vem sendo desenvolvido para pais, mães e cuidadores primários é o Programa ACT, - que é a abreviação da palavra ACTION, que em português significa Ação e tem como objetivo socializar conhecimentos para a prevenção da violência contra crianças (Silva et al., 2000). Concebido pela American Psychological Association (APA), em colaboração com a Associação Nacional para Educação de Jovens e Crianças (NAEYC), o programa dá oportunidade para que os adultos possam reavaliar suas práticas parentais, lidar com a raiva e resolver conflitos. Ao considerar que as crianças aprendem observando e imitando os adultos, o ACT pressupõe que os adultos quando aprendem como manejar suas dificuldades, eles conseguem ensinar às crianças novas habilidades a fim de que elas possam lidar com seus relacionamentos sociais de maneira não agressiva (Guttman et al., 2006).

O Programa acima citado contempla categorias desenvolvidas pelo *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), referentes às melhores práticas parentais de prevenção da violência (Thornton et al., 2002). Também é baseado na teoria da aprendizagem social de Bandura (1977), a qual compreende que as crianças aprendem por meio da observação do comportamento dos seus cuidadores imediatos. Assim, o programa busca prevenir os maus tratos ensinando aos cuidadores técnicas apropriadas para a criação dos filhos, por meio da modelação da não violência e de qualquer outro comportamento não

apropriado que a criança possa imitar. Trata-se, portanto, de um programa sociocognitivo, construído a partir da suposição de que os comportamentos agressivos e violentos são aprendidos (Weymouth & Howe, 2011). Com o intuito de ensinar técnicas de resolução de problemas aos genitores e cuidadores próximos, são apresentadas instruções, modelagem e *role-playing*. Isto os auxilia na aquisição de habilidades necessárias para fazer as melhores escolhas em relação à resolução de conflitos, conforme a fase do desenvolvimento infantil da criança (Burkhart et al., 2013; Weymouth & Howe, 2011).

O Programa ACT vem sendo desenvolvido junto com genitores e cuidadores de crianças de 0 a 8 anos de idade, faixa etária considerada um momento crucial para o desenvolvimento infantil. Desse modo, esta proposta de intervenção tem como objetivo auxiliar as figuras parentais das crianças a promover um ambiente de não violência e promotor de desenvolvimento, fazendo frente à uma realidade que muitas expõe as crianças à violência familiar, negligência e abuso (Porter & Howe, 2008). A seguir aprestamos as seguintes premissas do programa:

- 1) A ocorrência da violência é decorrente de falta de habilidade em relação à resolução de problemas e habilidades sociais necessárias para lidar com conflitos;
- 2) Crianças aprendem por meio da observação e imitação;
- 3) Quando as crianças aprendem habilidades sociais terão maior probabilidade de evitar o envolvimento em situações conflituosas;
- 4) Adultos podem aprender a ser modelos para as crianças, ensinando-as habilidades sociais, as quais ajudarão a lidar com suas relações sociais de maneira não agressiva (Silva & Randall, 2005).

O Programa em estudo ACT está organizado em formato de manual, fornecendo aos facilitadores um passo a passo e instruções que melhoram a fidedignidade na aplicação (Knox et al., 2011). O programa é organizado em uma reunião inicial, na qual ocorre a apresentação da forma como as atividades serão realizadas e a exposição dos temas que serão abordados, seguida por oito sessões subsequentes nas quais são abordados os seguintes temas:

- 1) Compreenda os Comportamentos de seus filhos;
- 2) A Violência na vida das Crianças;
- 3) Como os Pais podem entender e controlar a raiva;
- 4) Como entender e ajudar crianças quando elas têm raiva;
- 5) As crianças e os meios eletrônicos de comunicação;
- 6) Disciplina e estilos parentais;
- 7) Disciplina para comportamentos positivos;
- 8) Leve o Programa ACT para sua casa e sua comunidade.

Dessa forma, o programa fornece aos genitores informações relacionadas ao desenvolvimento infantil, treinamento de habilidades para como lidar com sentimentos como a raiva, formas de disciplina e comportamentos positivos (Knox et al., 2011; Silva & Willians, 2016).

Conforme Knox e colaboradores (2011), o ACT se destaca por conter manuais em língua inglesa e espanhola (agora em português, grego, japonês e mandarim). Contém instruções claras e detalhadas para os facilitadores, as quais contribuem para sua aplicação, além de ser um modelo de disseminação barato. O programa é descrito como o único que trabalha com os efeitos negativos da exposição das crianças à violência da mídia eletrônica, identificando formas de reduzi-la. Mesmo com uma base científica já confirmada, são necessários estudos de avaliação da sua eficácia com o intuito de identificar pontos a serem revisados, ademais dos pontos positivos do programa (Guttman & Mowder, 2005).

Estudos realizados com o ACT trataram dos seguintes aspectos: (a) avaliar a eficácia do programa em relação à violência (Portwood et al., 2011); (b) avaliar a eficácia do programa em contextos socioeconômicos diferentes (Pedro et al., 2016); (c) avaliar a eficácia do programa em relação à prevenção da violência em um país em desenvolvimento (Altafim et al., 2016); (d) descrever a intervenção realizada com uma mãe que participou do programa (Silva & Williams, 2016); (e) avaliar a eficácia do programa com mães a fim de melhorar suas práticas parentais e reduzir problemas de comportamento infantil (Altafim & Linhares, 2016); e (f) avaliar a evidência de eficácia do programa em uma capital de um estado do sul do Brasil (Lawrenz et al., 2021). Com base nos estudos realizados, e considerando a escassez de pesquisas envolvendo somente a participação do pai, o presente estudo buscou investigar esta lacuna na literatura, assim como verificar o quanto programas de treinamento parental, tal como o ACT, podem contribuir no desempenho da função paterna. Desse modo, o objeto desta presente pesquisa consistiu em caracterizar as concepções dos pais em relação às práticas parentais, envolvimento paterno e comportamento dos filhos após ter concluído o Programa ACT.

Método

Participantes

Fizeram parte deste estudo cinco pais (homens) concluintes do Programa ACT. Realizou-se contato telefônico com os concluintes para convidá-los para participar do grupo focal. O grupo focal foi sendo organizado conforme o interesse, e adotou-se como critérios de inclusão: (a) pais que participaram de, no mínimo, seis das oito sessões do programa; e (b) pais com filho entre 2 e 8 anos de idade. Em relação aos critérios de exclusão, considerou-se os pais que não residiam com o filho durante a aplicação do programa, ou no período de realização do grupo focal. Cada participante foi identificado com um número, denominado *POI*, e assim sucessivamente.

Procedimentos

Este estudo compôs um projeto mais amplo, denominado ACT (Programa de treinamento parental para pais de crianças de zero a oito anos de idade), e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos de uma universidade do sul do país.

O grupo focal representa uma técnica qualitativa utilizada com o objetivo de apreender percepções, opiniões e sentimentos diante de um determinado tema em um ambiente de interação (Trad, 2009). Utilizaram-se perguntas disparadoras para fomentar a conversa entre os participantes, assim como garantiu-se a homogeneidade na participação, uma vez que se tratavam de pais de crianças com idades próximas. Tal fato favoreceu tanto o debate, quanto a possibilidade de coletar informações sobre o tema proposto.

Foram utilizados dois celulares e uma câmera de vídeo para gravar as falas do grupo. Este material foi disposto em locais apropriados para assegurar a gravação. Na reunião do grupo focal, contou-se com a presença de um observador externo familiarizado com o tema da pesquisa, o qual realizou anotações em relação à dinâmica do grupo (Trad, 2009). A participação dos pais foi voluntária e respaldada pela garantia de seu anonimato.

Análise dos Dados

Os dados foram organizados com auxílio do Software *ATLAS.ti*, versão 8.0, e analisados de acordo com a análise categorial temática de Bardin (2011). As categorias passaram por um processo de análise de juízes, na qual duas psicólogas, terapeutas de família, realizaram o processo de avaliação das categorias. A concordância de cada juíza em relação ao conteúdo foi de 76,1% e 78,5%. O valor aceitável para considerar que existe boa concordância entre os juízes ou observadores é de, no mínimo, 70% (Fagundes, 1999). O cálculo realizado refere-se ao número de acordos entre dois avaliadores, dividido pelo número de acordos e somados ao número de desacordos, multiplicado por 100 para resultar na porcentagem.

Resultados

A seguir, serão descritas as categorias encontradas no estudo envolvendo a participação paterna, a saber: Contribuições do Programa ACT e Envolvimento Paterno.

Contribuições do Programa ACT

Esta categoria relaciona-se aos conhecimentos obtidos pelos pais em relação à participação no Programa ACT. As seguintes subcategorias abrangem este tópico: (a) Compreender as próprias emoções; (b) Compreender as emoções do filho; (c) Práticas Parentais; (d) Mídias eletrônicas; (e) Desenvolvimento infantil; e (f) Comportamento dos filhos.

Compreender as Próprias Emoções

Refere-se à importância da autorregulação dos pais nas interações com os filhos. Os pais (P02, P03) disseram que se sentiam mal quando “estouravam” com os filhos, e destacaram ter aprendido no programa a reconhecer suas emoções. Tal aspecto pode ser evidenciado pela seguinte fala:

Saber dosar, não explodir nele. Segurar a onda. [...] O curso já veio nessa ideia. [...].

Não estou dizendo que talvez não vá acontecer nunca, mas hoje eu tenho a consciência de que tem um sentimento aqui, vamos ver o que está acontecendo (P02).

Os participantes comentaram que entenderam a importância de falar de seus sentimentos com os filhos, assim como pedir desculpas quando não conseguiam controlar suas emoções. Este aspecto foi apontado na seguinte narrativa: “Acho que essa ideia de pedir desculpas realmente é ensinar também. [...] Estar criando um ser humano ali, que está mostrando que quem está na condução é humano e também erra, é normal, e, é honrado” (P02).

Também houve o indicativo de que as aprendizagens realizadas com os filhos possibilitaram que os próprios filhos comentassem sobre os comportamentos inadequados dos pais. Tal aspecto foi evidenciado quando um pai mencionou: “Legal que eles percebem isso também. Nessa mesma linha, pelo menos, no meu caso a gente esquece, e ele vem e diz: oh pai, eu desculpo você” (P03).

Compreender as Emoções dos Filhos

Esta subcategoria apresenta as contribuições do ACT para entender, nomear e ajudar aos pais a lidar com as emoções das crianças. Os pais abordaram a importância de perceber que seu filho pode sentir e manifestar sentimentos diversos, assim como reconheceram que o programa contribuiu de maneira significativa para ajudá-los a nomear os sentimentos. Isto foi reforçado pela seguinte fala: “Porque as vezes ele olha pra mim e diz: eu estou com muita raiva. Porque a gente ensinou ele a nomear, e é bom que ele fale: estou com raiva, eu estou brabo, estou triste. E ele faz isso” (P02). Os pais concordaram que ao realizar o processo de auxílio dos filhos na compreensão de suas emoções, eles conseguiam se acalmar mais rapidamente. Aprender a cuidar das emoções dos filhos proporcionou aos pais novas formas de se relacionar, compreendendo-os em seus sentimentos nos diferentes momentos.

Práticas Parentais

Aqui são indicadas as estratégias aprendidas pelos pais sobre como lidar com os comportamentos difíceis dos filhos. As aprendizagens apontadas foram: (a) agachar-se na altura do filho para conversar com ele; (b) percepção do extenso tempo dado para o filho se acalmar; (c) ao sair de casa, explicar à criança o local que vão e quanto tempo permanecerão lá; (d) ensinar ao filho a respirar para se acalmar quando ficar nervoso; e, (f) expressar para o filho como está se sentido para que ele entenda o que está acontecendo com o pai. Ademais, os pais apontaram perceber a importância de cumprir os combinados feitos com os filhos, uma vez que eles têm sentimentos e expectativas, aspectos negligenciados em sua infância.

Os pais relataram compreender que ao cumprir os combinados com os filhos, melhorias na segurança dos mesmos aconteceram. Este fato foi descrito no seguinte trecho: “É porque eles sentem segurança e não ficam naquela confusão mental. Que está acontecendo? Meu pai disse que ia fazer isso e não fez” (P02).

Mídias Eletrônicas na Vida dos Filhos

A subcategoria aponta os conhecimentos obtidos pelos pais em relação aos efeitos da exposição dos filhos às mídias eletrônicas. Os pais disseram estar controlando mais a exposição dos filhos aos meios eletrônicos, e que isso tem gerado resultados positivos. Esta situação pôde ser observada na seguinte fala:

Foi muito gratificante esse final de semana. No sábado [...] disse para meu filho: o papai vai chegar em casa e se tu quiser, tu pode ficar um pouco vendo desenho. E aí ele disse: não, não quero! Eu vou lá pegar meus brinquedos no quarto” (P02).

Os pais informaram buscar, sempre que possível, oferecer e incentivar aos filhos a experimentarem outras brincadeiras, seja com eles próprios ou com pares próximos.

Desenvolvimento Infantil

São descritos nesta subcategoria os conhecimentos adquiridos pelos pais em relação à compreensão da criança enquanto sujeito em formação. Os pais abordaram que não se sentiam preparados para compreender as capacidades dos filhos de acordo com a fase de seu desenvolvimento, assim como indicaram estar surpresos ao perceber que seus filhos entendem a realidade com base na sua maturidade cognitiva, emocional e física. Apontaram, ainda, a falta de informações sobre o assunto como sendo o principal motivo, e mencionaram ter presenciado através do relato de outros pais do grupo, os quais tinham filhos mais velhos, experiências que poderiam viver quando seus filhos chegassem naquela idade. Os aspectos mencionados podem ser verificados no relato a seguir: “Ali no grupo tinham relatos que eu não conseguia entender porque não estava acontecendo aquilo comigo. Agora com quatro

anos [falando do seu filho] eu já vejo. Alguém já me falou isso lá atrás [referindo-se ao grupo]” (P02).

Comportamento dos Filhos

São apresentadas nesta subcategoria as contribuições trazidas pelos pais em relação ao comportamento infantil. Os pais mencionaram perceber diferenças no comportamento dos filhos à medida que eles crescem, e também apontaram o desafio que envolve lidar com as mudanças nos comportamentos, conforme observado na seguinte fala: “Porque todo dia é um desafio, [...] porque eles não são iguais. Não é uma tecla de um computador que a gente sabe qual que vai ser a resposta. Um dia é assim, um dia é assado” (P03).

Envolvimento Paterno

Nesta categoria são descritos os comportamentos, percepções e cognições dos pais em relação às interações com os filhos desde a gestação. Fez parte a seguinte subcategoria: Participação paterna.

Participação Paterna

Procurou-se identificar a percepção dos pais em relação ao processo de “tornar-se pai”. As falas expressam sua participação no pós-parto da parceira, momento no qual estiveram cuidando ativamente do filho, realizando atividades como: dar banho, trocar fralda e fazer a criança dormir, enquanto a companheira se recuperava do parto. Um dos pais destacou ter ajudado o filho na aprendizagem da sucção de seu dedo antes que ele começasse a se alimentar no peito da mãe, visto que ele não estava conseguindo fazer força para pegar o peito. Em relação ao cuidado, os pais abordaram que se sentem cuidando dos filhos com a mesma equivalência que as mães cuidam, conforme a seguinte fala: “Essa situação aqui, tu já viu [falando para a pesquisadora] aqui que já tá mudando. Eu digo assim, a gente está cuidando parelho” (P04).

Os pais ouvidos compreendem que estão vivenciando com mais intensidade a paternidade, e apontaram que perceberam o processo de formação de vínculo com o filho desde o nascimento do mesmo. Tal fato é retratado no exemplo seguinte:

Eu tinha certa inveja da minha esposa, porque ainda que tenha sido um período curto, ele não mamou muito tempo. [...] Eu não tenho isso [...] depois eu comecei a dar banho nele no chuveiro com seis meses. E na troca de fralda. Que é aonde a gente estabeleceu uma boa relação de confiança (P02).

Os pais destacaram as atividades que realizavam exclusivamente com os filhos: levar/pegar filho na escola; preparar o lanche; caminhar junto à natureza; acampar; ir à piscina; brincar de lego; e levar para a aula de musicalização. Além disso, relataram a preocupação em relação à organização de seu tempo para estar mais com os filhos. Tal situação é exposta pela seguinte narrativa: “De pensar que a gente trabalha o dia inteiro. A gente passa quantas horas com nosso filho, será? Duas horas. E aí, tipo se agente não tem tempo de qualidade” (P01).

Ainda nessa subcategoria, os pais abordaram as memórias acerca da participação dos seus pais em sua educação. Foram mencionadas lembranças relacionadas à ver o pai no final da tarde, quando chegava do trabalho, assim como estar com a mãe constantemente, pois ela era quem mais estava em casa. Também indicaram que sentiam a participação de seus pais como distanciada, guardando em suas memórias recordações como:

Meu pai não chegava assim [...]: e aí filho, como é que foi? Não fazia isso de jeito nenhum, porque a forma como ele entendia, da maneira como ele trabalhava, na maneira como ele foi criado, era assim que tava bom (P03).

Ademais, mencionaram que a educação recebida de seus pais se baseava em outros conhecimentos e valores presentes na época. Hoje, já adultos, reconhecem que tinham a presença paterna, muito embora a participação tenha sido diferente, conforme narrou um dos

participantes: “Depois que a gente cresce a gente percebe que os pais, eles estão lá para a gente. Não é que eles não estejam. Não é porque ele foi assim, que ele não tá lá. Ele está lá, do seu jeito” (P03).

Nas reflexões que os pais fizeram em relação ao exercício de sua paternidade, foram retomadas lembranças da criação que receberam de seus pais, bem como abordaram querer ser mais participativos e presentes na vida do filho, também na esfera afetiva. Destacaram ter consciência de que estão em processo de desenvolvimento da paternidade, conforme indicado por este participante:

Eu quero ser um pai que faz completamente diferente em determinadas coisas, em outras coisas eu tenho um bom exemplo, eu vou copiar. Então, só que quando a gente está educando o nosso filho, e aí a gente tem esse processo do curso, minha percepção foi essa né (P04).

Dessa maneira, os pais indicaram que o Programa ACT foi um “suporte especializado” que contribuiu para que eles pudessem desenvolver seu papel de maneira mais efetiva. Destacaram ainda que a participação no programa contribuiu para eles que participassem da vida do filho de maneira diferente em comparação com a experiência vivenciada em sua infância, conforme apontado pela seguinte fala:

Mas eu sempre tive vontade de estar lá de um outro jeito. Estar lá e dizer: cara, o que você precisar mesmo! Óbvio que não é uma idade de falar isso, mas eu quero que ele perceba isso. Que ele sinta isso do pai dele [referindo-se ao seu filho] (P03).

Discussão

O objetivo do presente estudo foi caracterizar as concepções dos pais em relação às práticas parentais, envolvimento paterno e comportamento dos filhos após concluir o Programa ACT. Os resultados encontrados revelaram que os participantes do programa tiveram aprendizagens relevantes em relação a temas como: (a) regulação emocional tanto de si como do filho; (b) práticas parentais; mídias eletrônicas; (c) desenvolvimento infantil; e (d) comportamentos dos filhos. Estes achados corroboram com os resultados de outros estudos realizados com o ACT, os quais contemplaram a participação de ambos os genitores, somente as mães ou cuidadores com responsabilidade legal pela criança (tais como avós e tias) (Knox et al.; 2013; Pedro et al., 2016; Porter & Howe, 2008).

Em relação às contribuições do Programa ACT, salienta-se que os pais refletiram sobre a importância de regular suas emoções (por exemplo, a raiva), bem como compreenderam que os filhos precisam ser ensinados a nomear e entender seus sentimentos. Entende-se que quando a criança passa a aprender a controlar-se emocionalmente, mais empatia demonstrará pelos outros e será mais autoconsciente de si. Altos níveis de gerenciamento das emoções infantis são associados à competência social e expressão apropriada das emoções (Adams & Baronberg, 2005). De acordo com um estudo realizado por Gottman e colaboradores (1996) com pais de crianças entre 4 e 5 anos de idade, foi observado que os cuidadores primários que possuíam maior consciência de suas próprias emoções mostravam-se mais envolvidos em auxiliar seus filhos a desenvolver comportamentos emocionais adaptativos, em comparação com pais que tinham menor conhecimento de suas próprias emoções. Desse modo, o gerenciamento das emoções está relacionado está relacionada às tentativas de uma pessoa para usar as emoções de forma eficaz, tornando o comportamento mais adaptativo (Thompson, 2011).

Entre as aprendizagens relacionadas com as práticas parentais, pôde-se verificar que os conteúdos do Programa ACT possibilitaram aos pais o conhecimento de estratégias para lidar com o comportamento difícil dos filhos, assim como o desenvolvimento de habilidades mais eficazes para tratar as situações apresentadas, conforme o que foi verificado por estudos precedentes com o ACT (Altafim & Linhares, 2016; Guttman et al., 2006). As práticas parentais aprendidas permitiram com que os pais falassem mais calmamente com os filhos, ensinando-os em relação ao que se espera deles em invés de puni-los pelos comportamentos não adequados (Weymouth & Howe, 2011). Estratégias mais positivas afetam diretamente o desenvolvimento de habilidades de autoregulação, podendo inibir as respostas dos comportamentos infantis inadequados (Montroy et al., 2016). De acordo com os relatos dos pais, foi possível perceber que a utilização de novas estratégias parentais possibilitou a redução do uso de violência na criação de seus filhos.

No que concerne às aprendizagens sobre mídias eletrônicas, constatou-se que os pais refletiram em relação ao impacto desta exposição sobre o desenvolvimento infantil. Os genitores têm um comportamento chave no gerenciamento do uso das mídias eletrônicas pelos filhos, especialmente no que se refere ao tempo de monitoramento de seu uso. Destaca-se que o controle do uso das mídias eletrônicas pelos pais corrobora com resultados de estudos anteriores com o Programa ACT, os quais também encontraram relações significativas entre as aprendizagens de mídias eletrônicas e a conscientização das suas repercussões no desenvolvimento infantil (Guttman et al., 2006; Pedro et al., 2016; Portwood et al., 2011).

Ouvir o relato dos pais sobre os desafios enfrentados para lidar com os comportamentos infantis é fundamental para auxiliá-los na busca de melhores estratégias de intervenção. Em uma pesquisa epidemiológica realizada com 933 pais, descobriu-se que 3% classificavam o comportamento dos filhos como muito ou extremamente difícil, ao passo que 14% relatavam sentir-se muito ou extremamente estressados (Sanders et al., 2010). Pais que

descreveram seus filhos com comportamento mais difíceis eram mais propensos à percepção da paternidade como mais exigente, estressante e deprimente, do que como recompensadora (Frank et al., 2015). Um dos achados deste estudo confirma que quando os genitores têm a oportunidade de conhecer outros genitores e/ou compartilhar experiências, em invés de serem somente ensinados sobre habilidades parentais, as intervenções tendem a ser mais efetivas (Damashek et al., 2011). Portanto, compreende-se que à medida que o pai se faz mais presente, os filhos têm a oportunidade de aprender habilidades comportamentais que os auxiliam em sua socialização, resolução de problemas e no manejo adequado das necessidades específicas de cada fase do desenvolvimento infantil (Wilson et al., 2016). Além disso, a troca de experiências com outros pais proporcionou reflexões e novas abordagens para lidar com desafios relacionados à educação das crianças.

O envolvimento paterno foi verificado nos relatos dos participantes do Programa ACT. Os pais apontaram a importância do programa em relação aos conhecimentos adquiridos, os quais repercutiram em sua participação e interesse para estarem presentes na vida dos filhos. Salienta-se que a experiência de serem filhos de um modelo tradicional de paternidade, geralmente frio e distante, contribuiu para eles que buscassem ser pais diferentes, permitindo-se uma experiência mais próxima com os filhos. É possível constatar, pela fala dos pais, mudanças em relação a educação recebida de seus pais. Estes relatam sentirem-se mais informados, com melhores ferramentas para orientar o comportamento e ajudar no gerenciamento das emoções dos (Gabriel & Dias, 2011; Silva et al., 2012). Os resultados do presente estudo sugerem que os pais concluintes do programa estão em busca de novos conhecimentos para realizarem a função paterna de forma mais explícita, assim como estão tentando mudar as práticas parentais aprendidas, uma vez que estas são frutos de experiências paternas mais distantes e menos envolvidas.

Por ser um grupo formado por homens, foi possível explorar a maneira como eles perceberam sua participação na criação e cuidado dos filhos. Dessa forma, evidencia-se a expansão do papel paterno, que vai além do apoio e sustento familiar, incluindo a interação direta com a criança em atividades como alimentação, banho, vestir, levar ao médico, pegar no colo e consolá-la. Diferente da narrativa construída ao longo da história, segundo a qual os pais são menos sensíveis e capazes de cuidar dos filhos, pôde-se verificar nos relatos dos participantes deste estudo uma mudança visível em relação à proximidade e desenvolvimento de laços afetivos (Monteiro et al., 2008). Tal fato repercute no maior bem-estar dos pais, os quais se percebem competentes em uma tarefa histórica e culturalmente atribuída à mulher (Bernardi, 2017). Desse modo, a criança é beneficiada, uma vez que tem à sua disposição um pai que dedica mais tempo de qualidade ao cuidado, fomentando uma vinculação segura com o filho (Monteiro et al., 2008).

Com a participação paterna mais ativa na vida dos filhos, aponta-se para a transformação de funções atribuídas às mães (Bernardi, 2017). Os homens gradualmente vêm ampliando as suas atribuições, principalmente em relação às atividades domésticas. Os participantes ouvidos, por exemplo, relaram que percebiam sua participação no cuidado dos filhos como “parelha” ou igualitária. Um dos aspectos que pode justificar a participação paterna na vida dos filhos e a divisão das tarefas domésticas com a companheira, refere-se a escolaridade e renda dos pais. Estudo desenvolvido por Sanders e colaboradores (2010), identificou que os pais que mais estavam atentos às necessidades de seus filhos e cuidado da casa, eram aqueles que mais tinham anos de estudo além de relatarem preocupação com seus orçamentos para contribuírem para o acesso dos filhos a melhores oportunidades educacionais. No presente estudo foi possível constatar que a maioria dos participantes havia concluído o ensino superior. Esse dado obtido reforça a importância do conhecimento para mudança de padrões, crenças e formas de cuidado das crianças por parte de seus genitores.

Contudo, também é importante salientar que o envolvimento paterno é um fenômeno complexo e que outros fatores devem ser considerados, como a cultura onde as pessoas estão inseridas.

Em relação às reflexões dos pais acerca do envolvimento de seus genitores em sua educação, pôde-se constatar que os participantes tiveram um modelo paterno descrito como tradicional. Por outro lado, suas mães eram as cuidadoras, aquelas que ficavam em casa e davam conta da rotina doméstica. Os participantes do Programa ACT destacaram que compreendem a importância de estar próximos aos filhos, de participar e acompanhá-los em suas diversas necessidades e atividades. Percebeu-se, desse modo, uma mudança significativa em relação ao modelo parental vivenciado na infância, uma vez que estes pais podem escolher estar mais envolvidos na vida de seus filhos (Doucet, 2013). Assim sendo, os pais foram retratados como “pais envolvidos”, isto é, além de assumir o sustento da família em função das expectativas culturais, também desempenham um papel mais próximo em relação ao cuidado dos filhos, auxiliando-os na expressão de suas emoções (Barclay & Lupton, 1999; Pleck, 2010).

Foi possível observar neste estudo os interesses, percepções e preocupações dos pais em relação à participação no cuidado dos filhos. Os relatos apontaram que eles procuravam passar mais tempo e interagir com seus filhos, conforme indicado no estudo de Lin e colaboradores (2017). Segundo os relatos, os pais perceberam a necessidade de adquirir novos conhecimentos para melhor desenvolver suas práticas parentais, a fim de contribuir com o bem-estar dos filhos. Tal aspecto demonstra a importância de investir em espaços coletivos, como o Programa ACT, no intuito de colaborar com conhecimentos que fomentem mudanças nos padrões de relações historicamente construídos. Assim, reconhece-se a importância de investir na relação pai-filho/a, uma vez que essa conexão traz benefícios significativos para a promoção do desenvolvimento saudável, tanto durante a infância quanto ao longo de sua vida.

Considerações Finais

O presente estudo permitiu compreender que a participação dos pais no Programa ACT contribuiu para que estes aprimorassem suas práticas parentais e envolvimento paterno, assim como para que buscassem lidar melhor com os comportamentos dos filhos. Por meio do grupo focal realizado, foi possível identificar que os pais entrevistados se esforçavam diariamente para estar presentes na vida de seus filhos(as). Isso incluía acompanhá-los(las) ao longo da gestação da parceira, demonstrar envolvimento e participação ativa na vida da criança desde o seu nascimento, assim como envolver-se nas atividades do dia a dia enquanto estavam com seus filhos. Além disso, eles procuravam auxiliá-los(as) na expressão de suas emoções.

Entende-se que os grandes achados deste trabalho refletiram sobre a forma como os pais estão mais preocupados em buscar novos conteúdos para compreender as fases do desenvolvimento infantil, aprendendo novas estratégias para melhor lidar com o filho à medida que este cresce. Além dos conteúdos explanados, o espaço de grupo pode ser considerado um método eficaz para aprendizagens e troca de informações, dada a interação face a face com outros pais.

Uma limitação deste trabalho, que serve como sugestão para estudos futuros, consiste na verificação de possíveis diferenças no envolvimento de pais em função do gênero de seu filho ou filha. Dessa forma, compreende-se que alcançar a perspectiva dos pais é benéfica para se entender as necessidades paternas frente ao desenvolvimento do papel paterno, além de se contemplar nos conteúdos programáticos dos cursos, assuntos que despertem o interesse dos mesmos para engajá-los ainda mais no cuidado infantil.

Com base na análise da fala dos participantes do grupo focal, considera-se fundamental a ampliação do Programa ACT para grupos de pais dos mais variados níveis socioeconômicos, com filhos de ambos os sexos, idades diversas e formações escolares.

Através do conhecimento, é possível ampliar as interações entre pais e filhos, e, conseqüentemente, gerar nas crianças experiências mais positivas de vínculo e afeto, fundamentais para o desenvolvimento de suas competências e vivências mais positivas na infância.

Compreende-se como desafio enfrentado por este estudo a pouca adesão dos pais em relação à intervenção do ACT, o que refletiu no número de participantes do grupo focal. Muitos pais preferiam deixar as companheiras participarem por entenderem este espaço como sendo “natural” a função materna. Aos que conseguiram participar do programa, observou-se a consciência que tinham a respeito do seu papel na educação do filho, especialmente nos primeiros anos, refletindo sobre a mudança de visão acerca de sua paternidade.

Com base no exposto, compreende-se que o fomento de espaço para os pais, como o oferecido pelo Programa ACT, são momentos que contribuem para a vivência de uma paternidade mais participativa. As interações vivenciadas entre pai e filho promovem relacionamentos seguros e estáveis, constituindo-se um mecanismo de proteção para o desenvolvimento infantil. Aponta-se que o ACT precisa ser ampliado para os mais diversos contextos sociais, sendo necessários estudos com grupos compostos somente por pais, nos quais os homens possam ser escutados tanto em relação aos desafios relacionados à paternidade, quanto às mudanças vivenciadas em função do conhecimento adquirido com o programa. Desta forma, novas pesquisas podem contribuir para que os genitores homens participem mais da vida de seus filhos(as) e percebam o impacto dessa relação no desenvolvimento dos mesmos. Avançar com os estudos envolvendo a figura do pai e o Programa ACT em diversas culturas podem oferecer ferramentas adicionais para que possam assumir a responsabilidade e a função de cuidado de filhos e filhas

Referências

- Adams, S. K., & Baronberg, J. (2005). *Promoting positive behavior: Guidance strategies for early childhood settings*. Pearson Publishers.
- Altafim, E. R. P., & Linhares, M. B. M. (2016). Universal violence and child maltreatment prevention programs for parents: A systematic review. *Psychosocial Intervention*, 1(25), 1–12. <https://doi.org/10.1016/j.psi.2015.10.003>
- Altafim, E. R. P., Pedro, M. E. A., & Linhares, M. B. M. (2016). Effectiveness of ACT raising safe kids parenting program in a developing country, 70(1), *Children and Youth Services Review*, 1–43. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2016.09.038>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice-Hall.
- Barbeta, M., & Cano, T. (2017). Toward a new model of fatherhood? Discourses on paternal involvement in urban Spain. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 159, 13–30. <https://doi.org/10.5477/cis/reis.159.13>
- Barclay, L., & Lupton, D. (1999). The experiences of new fatherhood: a socio-cultural analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 29, 1013–1020. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.1999.00978.x>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bernardi, D. (2017). Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 59–80. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i1p.59-80>
- Bowen, M. (1993). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, 32(76), 151–159. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.076.AO10>
- Burkhart, K. M., Knox, M., & Brockmyer, J. (2013). Pilot evaluation of the ACT raising safe kids program on children's bullying behavior. *Journal of Child and Family Studies*,

- 22(7), 942–951. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9656-3>
- Cia, F., Barham, E. J., & Fontaine, A. M. (2010). Impactos de uma intervenção com pais: O desempenho acadêmico e comportamento das crianças na escola. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23, 533–543. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300014>
- Damashek, A., Doughty, D., Ware, L., & Silovsky, J. (2011). Predictors of client engagement and attrition in home-based child maltreatment prevention services. *Child Maltreatment*, 16, 9–20. <https://doi.org/10.1177/1077559510388507>
- Doucet, A. (2013). A “choreography of becoming”: Fathering, embodied care, and new materialism. *Canadian Review of Sociology*, 50, 284–305. <https://doi.org/10.1111/cars.12016>
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento* (12^a ed.). Edicon.
- Flouri, E., & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in children’s later mental health. *Journal of Adolescence*, 26(1), 63–78. [https://doi.org/10.1016/s0140-1971\(02\)00116-1](https://doi.org/10.1016/s0140-1971(02)00116-1)
- Frank, T. J., Keown, L. J., & Sanders, M. R. (2015). Enhancing father engagement and interparental teamwork in an evidence-based parenting intervention: A randomized-controlled trial of outcomes and processes. *Behavior Therapy*, 46(6), 749–763. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2015.05.008>
- Fuertes, M., Faria, A., Breeghly, M., & Santos, P. L. (2016). The effects of parental sensitivity and involvement in care giving on mother-infant and father-infant attachment in a portuguese sample. *Journal of Family Psychology*, 30(1), 147–156. <https://doi.org/10.1037/fam0000139>
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253–261.

<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2011000300007>

- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: Theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology, 10*, 243–268. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.10.3.243>
- Guttman, M., & Mowder, B. (2005). The ACT training program: The future of violence prevention aimed at young children and their caregivers. *Journal of Early Childhood and Infant Psychology, 1*, 25–36. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38313>
- Guttman, M., Mowder, B. A., & Yasik, A. E. (2006). The ACT against violence training program: A preliminary investigation of knowledge gained by early childhood professionals. *Professional Psychology: Research and Practice, 37*(6), 717–723. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.37.6.717>
- Hauth-Charlier, S., & Clément, C. (2014). Abord dimensionnel de l'efficacité d'un programmed'entraînement aux habiletésparentales dans le contexte du TDA/H. *Revue Canadienne des Sciences du Comportement, 46*(2), 107–116. <https://doi.org/10.1037/a0034470>
- Knox, M., Burkhart, K., & Cromly, A. (2013). Supporting positive parenting in community health centers: The ACT Raising Safe Kids program. *Journal of Community Psychology, 41*(4), 395–407. <https://doi.org/10.1002/jcop.21543>
- Knox, M., Burkhart, K., & Howe, T. (2011). Effects of the ACT Raising Safe Kids Parenting Program on children's externalizing problems. *Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies – Family Relations, 60*, 491–503. <https://doi.org/10.2307/41236783>
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: An introductory over view and guide. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 1–18). John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E., Pleck, J., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on

- paternal behavior and Parenting across the life span: involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Biosocial perspectives* (pp. 11–42). Academic.
- Lau, E. Y. H. (2016). A mixed-methods study of paternal involvement in Hong Kong. *British Educational Research Journal*, 2(2), 1–18. <https://doi.org/10.1002/berj.3248>
- Lawrenz, P., Yousafzib, A., & Habigzang, L. F. (2021). ACT Raising Safe Kids Program improves parenting practices, beliefs about physical punishment, management of anger, and mental health: Initial evidence from a study in Brazil. *Children and Youth Services Review*, 131, 106–299. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.106299>
- Lin, W. C., Chang, S. Y., Chen, Y. T., Lee, H. C., & Chen, Y. H. (2017). Postnatal paternal involvement and maternal emotional disturbances: The effect of maternal employment status. *Journal of Affective Disorders*, 219, 9–16. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.05.010>
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1), 59–69. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822011000100007
- Matthey, S., & Barnett, B. (1999). Parent-infant classes in the early postpartum period: Need and participation by fathers and mothers. *Infant Mental Health Journal*, 20(3), 278–290. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-0355\(199923\)20:3<27](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-0355(199923)20:3<27)
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(XXVI), 395–409. <https://doi.org/10.14417/ap.502>
- Montroy, J. J., Bowles, R. P., Skibbe, L. E., McClelland, M. M., & Morrison, F. J. (2016).

- The development of self-regulation across early childhood. *Developmental Psychology*, 52, 1744–1762. <https://doi.org/10.1037/DEV0000159>
- Palkovitz, R. (2002). Involved fathering and child development: Advancing our understanding of good fathering. In C. S. Tamis-Le Monda, & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement* (pp. 33–64). Lawrence Erlbaum.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193–219. <https://doi.org/10.1159/000078723>
- Paquette, D., Carbonneau, R., Dubeau, D., Bigras, M., & Tremblay, R. E. (2003). Prevalence of father-child rough and-tumble play and physical aggression in preschool children. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 171–189. <https://doi.org/10.1007/BF03173483>
- Paquette, D., Gagnon, C., & Medeiros, J. M. (2020). Fathers and the activation relationship. In H. E. Fitzgerald, K. von Klitzing, N. J. Cabrera, J. S. Mendonça, & T. Skjøthaug. (Eds.). *Handbook of Fathers and Child Development* (pp. 291–313). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-51027-5_19
- Pedro, M. E. A., Altafim, E. R. P., & Linhares, M. B. M. (2016). ACT Raising Safe Kids Program to promote positive maternal parenting practices in different socioeconomic contexts, *Psychosocial Intervention*, 2(26), 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.psi.2016.10.003>
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 58–93). John Wiley & Sons.
- Portwood, S. G., Lambert, R. G., Abrams, L. P., & Nelson, E. B. (2011). An evaluation of the Adults and Children Together (ACT) against violence Parents Raising Safe Kids Program. *Journal of Primary Prevention*, 32(3-4), 147–160.

<https://doi.org/10.1007/s10935-011-02495>

Porter, B. E., & Howe, T. R. (2008). Pilot evaluation of the ACT Parents Raising Safe Kids violence prevention program. *Journal of Child and Adolescent Trauma*, 1, 1–14.

<https://doi.org/10.1080/19361520802279158>

Sanders, M. R., Dittman, C. K., Keown, L. J., Farruggia, S., & Rose, D. (2010). What are the parenting experiences of fathers? The use of household survey data to inform decisions about the J Child Fam Stud 123 delivery of evidence-based parenting interventions to fathers. *Child Psychiatry and Human Development*, 41, 562–581.

<https://doi.org/10.1007/s10578-010-0188-z>

Silva, E. L. C., Lamy, Z. C., Rocha, L. J. L., & Lima, J. R. (2012). Paternidade em tempos de mudança: Uma breve revisão da literatura. *Revista Pesquisa e Saúde*, 13(2), 54–59.

<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/view/1325>

Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561–573.

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Pr4ZP7DtFj7dvyQD8XmdpVr/?lang=pt>

Silva, J., & Randall, A. (2005). Giving psychology away: Educating adults to ACT against early childhood violence. *Journal of Early Childhood and Infant Psychology*, 1, 37–44. <https://psycnet.apa.org/record/2007-14173-004>

Silva, J., Sterne, M. L., & Anderson, M. P. (2000). *ACT Against Violence Training Program manual*. American Psychological Association and National Association for the Education of Young Children.

Silva, J., & Williams, L. C. A. (2016). Um estudo de caso com o Programa Parental ACT para educar crianças em ambientes seguros. *Temas em Psicologia*, 24(2), 743–755.

<http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.2-19Pt>

Smith, J. D., Dishion, T. J., Shaw, D. S., & Wilson, M. N. (2013). Indirect effects of fidelity

- to the family check-up on changes in parenting and early childhood problem behaviors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 81(6), 962–974. <https://doi.org/10.1037/a0033950>
- St. George, J., Fletcher, R., & Palazzi, K. (2016). Comparing fathers' physical and toy play and links to child behaviour: An exploratory study. *Infant and Child Development*, 26(1), Artigo e1958. <https://doi.org/10.1002/icd.1958>
- Thompson, R. A. (2011). Emotion and emotion regulation: Two side of the developing coin. *Emotion Review*, 31(1), 53–61. <https://doi.org/10.1177/1754073910380969>
- Thornton, T. N., Craft, C. A., Dahlberg, L. L., Lynch, B. S., & Baer, K. (2002). *Best practices of youth violence prevention: A source book for community action*. Division of Violence Prevention, National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: Conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777–796. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>
- Trage, F., & Donelli, T. M. S. (2020). Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. *Barbarói*, (57), 141–164. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>
- Weymouth, L. A., & Howe, T. R. (2011). A multi-site evaluation of Parents Raising Safe Kids violence prevention program. *Children and Youth Services Review*, 33, 1960–1967. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2011/05.022>
- Wilson, K. R., Havighurst, S. S., Kehoe, C., & Harley, A. E. (2016). Dads tuning in to kids: Preliminar evaluation of a fathers' parenting program. *Family Relations*, 65, 535–549. <https://doi.org/10.1111/fare.2016>